[(1881), *A Vanguarda*, ano II, nº 81, 20 de Novembro (Ponta Delgada)]

ECOS AÇORIANOS DA QUESTÃO DA ESPÉCIE

> A grande tarefa da vida, aquela de que temos de ocupar-nos mais imediatamente será compreendida tanto melhor e desempenhada tanto mais inteligentemente, quanto melhor o homem compreender o seu lugar na natureza e as relações que o prendem ao conjunto dos seres.
> DR. PAGE ([1])

> Há perigo em mostrar muito ao homem o quanto ele é igual aos animais, sem lhe mostrar a sua grandeza. É ainda perigoso fazer-lhe ver a sua grandeza sem a sua baixeza. É ainda mais perigoso deixá-lo ignorar uma e outra. Mas há toda a vantagem em lhe apresentar ambas.
> PASCAL ([2])

> O facto de ter reconhecido a verdadeira origem do homem é uma descoberta tão rica em consequências para todos os ramos do pensamento humano, que o futuro tomará talvez este resultado pelo maior que os nosso espírito pudesse ter atingido.
> SCHAAFHAUSEN ([3])

Temos sobre a mesa de trabalho dois números da *Regeneração*, jornal faialense, que nos indicaram os artigos subordinados ao título *O homem procedente do macaco*, trabalho que, na ampliação do mesmo título, se diz feito a propósito dos nossos estudos.

Não temos a honra de conhecer o autor dos artigos em questão, porque o ilustre escritor faialense não põe o seu nome. Sabemos porém que ele se julga à altura de poder concluir que «a hipótese de Darwin é cientificamente falsa, insustentável com referência aos factos, ilógica nas suas demonstrações, inconsequente nos seus resultados», e isto basta. E estejam homens eminentes, nos primeiros centros científicos, a esgotarem em vão a sua sagacidade, para contestarem a base das teorias novas, e o nosso amigo, aqui na ilha do Faial, calado até agora com a chave da derrota!... Enfim, cada um está no seu direito de escrever o que quiser e a propósito do que bem lhe parecer, de tomar os factos e a ciência pelas capas de uma Bíblia, e as demonstrações e os resultados por aquilo que considerar isoladamente a respeito de si ou do vizinho. Mas o Universo permanecerá sempre encadeado, os fenómenos terão uma dependência íntima, o simples precederá sempre o composto e o selvagem o civilizado, e as cousas nascidas duma assentada, prontas, invariáveis, destinadas e independentes (Minervas a saírem dum crânio de Júpiter armada da cabeça até aos pés), não volvem ao pensamento dos naturalistas, por mais mal interpretadas que sejam as suas teorias e por mais mal compreendidas que sejam as grandes leis gerais.

Que os adversários se desenganem: quem uma vez simpatizou com a teoria de Darwin, não descansa sem a compreender a fundo, e, uma vez bem compreendida, ela

---

([1]) Cit. por Büchner – *L'homme selon la science*, trad. Lectourneau, 1878, pág. 7.
([2]) Idem, idem, pág. 103.
([3]) Idem, Conférence sur la th. darwinienne, trad. Jacqot, 1869, pág. 120.

torna-se a única hipótese sobre o desdobramento da Causa desconhecida que satisfaz às necessidades do espírito humano.

O ponto está em compreender. Ele tem adversários de erudição respeitável: Quatrefages chegou a fazer a exposição dessa teoria com tanta precisão como o próprio Darwin, e com uma forma que é mais acessível para a máxima parte dos espíritos; mas, quando este sábio antropologista aduz os seus principais argumentos, não vemos surgir os resultados a esperar duma perfeita compreensão. O principal argumento é que os cruzamentos entre espécies distintas dão produtos infecundos; mas o que ninguém afirmará é que os darwinistas carecem de apoiar a sua hipótese nos cruzamentos, quando ela tira todo o seu apoio da *descendência serial com modificação.* Bem pouco nos importa que as espécies diferentes se prejudiquem ou não, na fusão das suas funções reprodutoras, se independente disto compreendemos a possibilidade do transformismo e ele se nos impõe, pelas explicações que traz, como orientação única das nossas pesquisas e como disciplina das nossas conclusões.

Nos adversários menos elevados pelo seu saber, há então um outro pequeno defeito – aquecem. O argumento consiste em protestar, em dizer que não foi, nem é, nem pode ser, porque desagrada, porque é aviltante. Isto porém não admira: é um sentimento de desconsolo pouco científico, que importa quase um pé sobre o *abismo* da conversão, e que nem o próprio Cuvier, dispondo doutros recursos de argumentação, pode abafar, quando dizia a propósito do orango [orangotango]: «son cerveau ressemble à celui de l'homme d'une manière désespérante.» ([4]). Conquanto os motivos do criador da anatomia comparada fossem talvez outros, os nossos religiosos de hoje têm a mesma qualidade: exaspera-os a revelação do parentesco. E os darwinistas vão nobremente, sem tempo de se zangarem, e sem carecerem de *serenidade religiosa*, aceitando as coisas como elas se traduzem e vendo, da semelhança para a diferença, a medida do passado esforço e o catecismo menos atrevidamente teológico da estrada do porvir! E ficaremos inexpugnáveis enquanto explicarmos, limitando-se os nossos inimigos a dizer que não admitem; a nossa maior força estará assim na fraqueza dos nossos adversários.

A questão trata-se mil vezes nesta enorme aurora do seu progresso, e axiomaticamente repete-se que não basta o desejo dos teólogos, e que, por mais orações e missas, o homem há-de sempre parecer-se com os macacos antropóides *d'une manière désespérante* e que há-de sempre começar pela mesma forma embrionária porque começam o cão, a galinha e todos os vertebrados, e eles fingem que não ouvem e vão sempre, como crianças desobedientes, a quererem ser senhores da sua vontade.

Ora é precisamente esta convicção profunda de que o homem é um produto que, como outro qualquer, está submetido a leis eternas e inflexíveis, esta convicção de que o homem é «apenas um animal favorecido, vencedor no combate da existência», o que os discípulos de Darwin, ao contrário do ilustrado autor dos artigos da *Regeneração*, chamam resultado consequente da teoria lógica do Mestre.

(Continua)

([4]) Beketoff, L'alimentation du genre humain (*Rev. scient.*, sept.1881, nº13).

[(1881), *A Vanguarda*, ano II, nº 82, 27 de Novembro (Ponta Delgada)]

ECOS AÇORIANOS DA QUESTÃO DA ESPÉCIE

Esse resultado tem já, no estado actual das desilusões que afectam a humanidade, todos aqueles «elementos de ordem social» que o autor dos ditos artigos vê apenas na religião sobrecarregada com o padre católico e, *par dessus le marché,* ignorante das mais pequenas noções científicas, sobretudo daquelas que mais dizem respeito ao seu mister – as causas que podem determinar a formação duma religião, o seu engrandecimento e a sua transformação ou a sua queda. Na verdade bastantes misérias afectaram e afectam ainda a humanidade por o homem não ter conhecido o seu lugar na natureza; bastantes vezes tem ele quebrado as pernas por querer voar com asas de cera, vezes de mais tem ele perdido o seu tempo em aspirações inúteis.

A teoria de Darwin, não dando a prova material que brutalmente aí se pede, da transformação duma espécie noutra; vai contudo formando convicções pessoais inabaláveis e capazes da melhor interpretação dos factos, e destina-se a reformar deste modo a conduta da humanidade fazendo-lhe praticar acções melhores porque a torna impassível perante as vicissitudes que ela sabe bem que só o *progresso da adaptação* pode combater e a faz caminhar prudentemente, dando-lhe a medida das suas forças pela revelação científica do seu passado, mostrando-lhe enfim bem claramente a enormidade das ilusões sobre a sua origem e sobre o seu destino, que por tanto tempo lhe trouxeram a mente distraída das investigações positivas; e tudo isto, longe de prejudicar o homem, é bem claro que o faz absorver-se na produção de aspirações realizáveis, e permite-lhe colocar definitivamente, com o espírito satisfeito, essa importante base das sociedades – o aproveitamento positivo do tempo. Ao menos comigo assim tem sido, e eu por certo não sou o ditoso: o bem que tenho recolhido, tem-no recolhido igualmente centos de pessoas e o número crescerá de dia para dia. Ao menos com a teoria de Darwin ninguém pensa em atirar-se à virtude ou ao vício com o cheiro numa mercê da corte celeste, consequência forçada e bestial da criança numa origem divina.

O Dr. Gustavo Le Bon, no seu livro admirável *L'homme et les sociétés*, diz a respeito do darwinismo: «Tal é a teoria que nos permite explicar formação dos seres diversos que se têm sucedido na superfície do globo. Ela diz-nos o porquê dessas transformações que a ciência antiga se limitava a constatar sem lhes saber as causas. É com razão que se diz que ela constitui a mais grandiosa e a mais fecunda concepção do nosso século. Que outra concepção poderia ser maior e mais fecunda, com efeito, do que essa que nos revela as leis da formação e do aperfeiçoamento dos seres? Decorreram apenas alguns anos depois que ela foi formulada pela primeira vez, e ela tem já por adeptos os naturalistas mais eminentes das nações em que a cultura científica e filosófica recebeu maior impulso. Antes dela a ciência, para explicar a formação de qualquer espécie nova, era obrigada a recorrer a intervenções sobrenaturais que o homem não invoca senão para esconder a sua ignorância.» ([5]).

Como observa Büchner ([6]), a teoria de Darwin tem o cunho das concepções verdadeiramente grandiosas na sua simplicidade, e faz lembrar o ditado – *simplex veri sigillum,* o simples é o selo do verdadeiro. Com efeito a teoria darwiniana expõe-se numa frase: o seu autor resume-a, nos seus dizeres mais importantes, no título do seu livro imortal - *A Origem das Espécies por meio da Selecção Natural, ou a*

([5]) Dr. G. Le Bon, *L'homme et les sociétés*, 1881, première partie, pág. 140.
([6]) Büchner, Conf. cit., pág. 26.

Preservação das Raças Favorecidas na Luta pela Existência. Nesse título já achamos concatenadas as duas grandes bases da teoria:

1) os seres vivos, para se apropriarem as condições favoráveis à sua conservação, dão-se um combate perpétuo – *luta pela existência;*
2) nesse combate, como é fácil de prever, a vitória cabe ao mais bem favorecido, e, dessa posse do carácter favorecedor, resulta para esse carácter uma predominância, porque a hereditariedade o fixa e acumula em cada geração, e assim se vai produzindo uma - *selecção natural,*

na qual podemos apenas ver a *origem de novas espécies*. Maravilhosa criação da verdadeira filosofia zoológica e botânica! Fazendo intervir somente estes processos naturais, infinitamente lentos, mas admiravelmente simples, o grande naturalista Darwin faz-nos compreender a razão das mais sérias resultantes atingidas pela natureza na morfologia dos seres. Esta facilidade de exposição, a sua máxima compreensibilidade, a explicação única e tão cheia de simplicidade que ela nos dá dos resultados mais complexos, são outras tantas garantias irrecusáveis das mostras de verdade que emanam dessa hipótese sublime.

Já vêem os nossos adversários que os darwinistas não propagam as suas ideias tão de leve, tanto por moda, como se pensa.

Darwin, com a sua teoria, pôs um ponto na questão das causas primárias e finais, e ensinou a estudar os fenómenos sobre bases de indução verificáveis pela experiência, como o não tinha feito ainda nenhum dos seus precursores. Ele baniu a explicação dos ignorantes – o Deus-oleiro, apresentando a melhor explicação dos sábios. Querem-lhe mal os ignorantes! Roja-se na lama do insulto, comparando os darwinistas aos jesuítas, chamando a ambos «elementos de desordem social» e «inimigos encarniçados do progresso» que pretendem abrir os alicerces das sociedades novas nesse materialismo brutal e selvagem»; diz tudo isto, quase sempre, quem julga ainda cada um dos nossos órgãos feito duma só peça, quem não sabe, talvez, o que vale um escalpelo e um microscópio!

Mas nós somos todos perfeitamente amigos da ordem e do progresso, e é exactamente no sentido de afirmarmos um e outro que espalhamos as nossas ideias. A noção mais exacta do *Progresso* é-nos dada pelo darwinismo – a teoria da *adaptação.*

Os nossos adversários, à maneira que se vão cifrando num certo género, fazem-me lembrar o camponês com medo dum sofá que lhe não vai aguentar o chumbo do corpo com a pujança costumada do tamborete de pau! A teoria tem para eles uma flacidez restaurante, que a dureza daqueles cérebros dispensa perfeitamente. E, por fim de contas, o pânico reduz-se a que ela destrói a crença religiosa e por tanto, a moral. Mas, se é verdade que o abalo das crenças religiosas traz consigo a ruína das sociedades, destruindo o sustentáculo da moral, para que não fique por demonstrar essa verdade, arrase-se as casas de correcção, faça-se fechos de missais das armas da polícia e mande-se pôr em cada canto um painel das almas.

Não, meus senhores! Deixai-vos de escrever essas cousas inocentes mas estéreis, lembrando-vos de que a religião foi reconhecida para afirmar a moral, isto é, deixou de ser *um freio*, desde que foi preciso recorrer aos códigos civis e de que não foi Lamarck, nem Darwin, nem Hæckel, quem veio dar a conhecer essa impotência. E assim devia ser, porque, como diz o Dr. Gustavo Le Bon ([7]) «a moral baseada nas religiões faz unicamente defender [*sic*] o nosso destino das fantasias de divindades cruéis, de que se obtém apenas alguma coisa suplicando com baixeza», e «ela não saberia, por fim de contas, reter-nos seriamente na rampa do mal, porque o perdão é

([7]) Ob. cit., deuxième partie, pág. 360.

sempre fácil de obter. Como Luís XI adorando as suas *madonas*, antes de cometer um crime, o devoto pecará sem escrúpulos, sabendo bem que depois não tem mais do que suplicar à sua divindade para ser absolvido.».

Outro tanto não sucede com a religião positiva aonde estão filiados quase todos os darwinistas. Ela tem «um ideal novo que não é mais realizável, com efeito, do que os precedentes; mas o ideal antigo não devia realizar-se senão depois da morte e ninguém podia saber que tinha sido enganado. Com o ideal novo será fácil, pelo contrário, vermos quem se enganou, declarar-se-á então naturalmente que se devia tomar outros caminhos e será preciso recomeçar em cada geração demolições e reorganizações novas.» ([8]). Antes porém que esse ideal possa ser a aspiração das massas têm de decorrer muitos séculos e não é simplesmente a nossa vontade que o faz avançar, como não é a vontade dos nossos adversários que o retém. «Uma geração passa, outra aparece; mas a terra é sempre eterna», diz o *Eclesiastes*. Tudo esta sujeito à grande lei – nascer, crescer, decair e morrer. As religiões transformam-se ou desaparecem em virtude de causas complexas e de resultados fatais, cujo principal motivo está apenas na insuficiência que elas apresentam no momento. Se alguém, pelos seus escritos, tenta abreviar dalgum modo a sua queda, lançando as bases do Culto Novo, é, que essas religiões deixaram de satisfazer às necessidades do seu espírito, e, *convencido de que, mais cedo ou mais tarde, sucederá o mesmo ao resto da sociedade, esse alguém sabe que é dever imperioso ter-lhe então já preparada uma nova e mais suculenta alimentação do pensamento.*

Além disto, quem hoje poderia fazer esquecer todos os princípios das religiões a que chamam de *nossos pais*, não destruía a moral, porque a religião não é a moral; veio muito depois dela, para sancionar esses princípios que a funda animadversão nos legou joeirados em cada geração pela experiência e pela hereditariedade, e há muito que uma sanção nova foi pedida à lei civil. Hoje os bálsamos religiosos de outrora vêm-nos sem atavios milagreiros, modestamente positivos, da Ciência para que descobre [*sic*] da Indústria que aplica. O nosso bem estar, o nosso céu, a nossa imortalidade, vêm-nos da comodidade económica que vertem os regaços daquelas duas irmãs de caridade; vêm-nos da locomotiva e do telégrafo, dos pulos vertiginosos que cravam a ideia no papel e atiram assim às mil gerações futuras a essência mais pura e mais directa da nossa alma!

E tudo isto se compreende assim, e só assim, desde que o homem, já nobremente revoltado contra a sua origem bíblica, adquiriu o conhecimento científico do seu organismo, relacionando-o com os seres que o rodeiam e com as espécies animais que o precederam. E o preenchimento definitivo desse vácuo enorme e prejudicial do nosso cérebro, devemo-lo a Darwin.

Riam embora os teólogos da nossa *ascendência símia*. Fazem-nos sempre lembrar a resposta dada por Huxley às imprecações que o bispo de Oxford lançava contra a doutrina darwinista por *irreligiosa*. Essa resposta foi a seguinte: — «Se eu tivesse de escolher os meus antepassados entre um macaco perfectível e um homem que emprega o seu espírito em escarnecer da busca da verdade, eu preferiria o macaco.» ([9]).

Ponta Delgada, 24 de Outubro de 1881

([8]) Idem, pág. 343

[9] Buchner – Conf. cit., pág. 24, nota.